Foto: WALTER SAN PAYO

Depois do verão — Foto: Erdös

N.º 78
OUTUBRO
194

SUMÁRIO

Obra das Mães pela Educação Nacional
"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada - Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

Alminhas — Foto: JOÃO M. DOS SANTOS SIMÕES

LUZ E SOMBRA

Sombras, êsse materialismo nojento, êsses egoismos ferozes — essa vida pequenina com que se contenta a grande maioria da nossa gente de agora.

Gozos materialistas, aspirações rasteiras, mesquinhas maneiras é tôda a existência, o dia-a-dia da mocidade...

Sombras e sombras.

Luz, a meia dúzia de almas grandes que não acabam de demissionar da vida dura e combativa, apostando a cada hora ganhar novos combates, sempre novos combates, embora à custa de feridas sôbre feridas.

Essas almas feitas de oiro e sangue por aí entre a massa enorme dos amorfos e dos doentes, dos vencidos e dos tristes...

...semeando esperanças
e confiança —
graça do Senhor e a
Sua Verdade e a Sua Caridade
Luz por entre as sombras...
Luz por de cima das trevas...

* * *

Tal-qual como acontece quando nós vamos pelos caminhos da nossa Terra — ou ao longo das ruelas das aldeias e lugares portugueses.

Está-se sempre a topar com cruzeiros e ermidinhas, «alminhas» e nichos.

Nas dobras dos atalhos, nos cocurutos dos montes, a aparecerem por entre trigais e hortas, a cavalo dos muros, nas paredes das herdades e das moradias.

Em tôdas as formas, rústicas e cuidadas, obras de santeiros ou artistas hábeis, com dísticos de deliciosa piedade religiosa desenhados em caligrafia e gramática menos que primárias, mas poéticos, amáveis... convidam à reflexão e ao silêncio, fazem-nos rezar e pensar...

São estímulos e apoios, descansam-nos o olhar e o coração; apaziguam torturas e inquietações, apontam direcções e horizontes...

Falam. E da vida e da morte. Do tempo e da Eternidade. Dos que já foram a história de ontem; e, sem o quererem, preparam a do futuro.

As «alminhas» e os nichos, com as lamparinas cuidadas e acesas, manhãs por manhãs, à noitinha, quando os fumos das lareiras sobem para o Alto, com as rezas brancas dos claustros e das celas — os nichos são notas de luz — da luz da esperança, aqui e ali, por entre a escuridão da vida.

Faz bem, quando a cruz pesa e nos tomba, puderem os olhos erguer-se logo para os lados onde os nichos estão...

* * *

Cá dentro de nós, havia de haver, assim, nichos com sua lâmpada sempre acesa. Também não faltam sombras na alma — e bem a miudo... Sombras são os pecados, as faltas de cada dia, as misérias que aceitamos com tanta facilidade.

Luz, é o Senhor presente e vivo, pela Sua graça, pela Sua Verdade.

O coração do homem cristão é então como um nicho. Deve-o ser desde o seu baptismo.

Repara lá se trazes espevitada a luz da tua lâmpada interior...

Cristofera, ou portadora de Cristo, — Caminho, Verdade e Vida — logo te transfomarás em luz para o mundo, para os outros.

Luz viva entre as trevas dêste mundo.

Semeias tu a **Luz** da Verdade à tua volta?

E, como as lâmpadas acesas, nos cotovelos dos caminhos, quanto os teus irmãos te encontram aí, na vida, dá-lhes tu a **Paz?**

Missão de Luz e Paz. G. A.

COLÓNIAS DE FÉRIAS DA M. P. F.

1

2

S. JOÃO DO ESTORIL

HOJE, que os vinte e oito dias da Colónia pertencem já às realidades vividas, sinto que os envolve o indelével perfume de saüdade; e êle perfumará também e dará colorido às linhas truncadas, imperfeitas, que pretenderão reter para sempre, as impressões da vida da Colónia.

Disse um poeta:

«Entre o sentir e o escrever
Há um espaço desmedido
Que a tinta não pode encher»!

Sempre igual e sempre diferente, tal como a mesma harmonia, executada no mesmo ritmo, teve sempre um gôsto novo, numa tonalidade própria, de cada vez que a ouvimos, a vida na «Nossa Casa» remoça-se cada ano aviva saüdades do que passou, junto a essas uma saüdade nova, que lhe é inerente.

Horas quietas, horas mornas de praia, e horas activas e intensas no labor de um dia de campismo, aulas de canto, ritmadas ao geito duma melodia e aulas de ginástica, na concentração total da vontade de fazer melhor, jogos e serões, a leveza dum sorriso ou o vinco profundo duma idéia que nasce, duma solução que se procura, como tudo me aparece agora nivelado, como que a preencher um dia só, muito grande e luminoso, pleno de fôrça e alegria, aquela alegria travêssa que nos fazia cantar em volta da nossa Directora:

3

É assim

Seria preciso ter vivido connosco a vida de cada momento, a alegria de cada hora, para apanhar todo o conteúdo dêsses dias de sã camaradagem, de fraternal convívio.

Não, não é agora que acharei a palavra precisa e eloqüente que evocará tôda a luminosidade daquele passeio ao Cabo da Roca, tôda a suavidade da hora em que se rezou o terço, em unissono com o vagido das ondas, lá,

«onde a terra se acaba e o mar começa.»

Êsse dia ficou gravado entre as fôlhas mais belas, das vinte e oito fôlhas que o tempo vai virando, quási sem nós o sentirmos.

Vida sempre igual e sempre diferente, a vida de colónia renova. Se cada ano, nos passeios e nas sessões de estudos, por vezes num pormenor até, numa discussão sôbre um livro que surgiu e encerra assunto fértil...

E lembro-me agora,
Mas falando a sério,
De certa senhora
Pouco faladora
Com ar de mistério!...

Mas isto dizia o hino e o hino fôra feito a rir...

Porque mistério não havia nenhum e só hoje, que já tudo pertence ao passado, se pode verificar o mistério prodigioso da nossa imaginação que é capaz de reter em tôda a viveza de colorido os mais leves pormenores, para os rever pela vida fora, como quem folheia um Album de recordações...

HORTENSE CÉSAR

Agosto de 1945

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 S. João do Estoril
9, 10 e 11 Apúlia

APÚLIA

VAMOS a caminho da colónia. Viam-se apenas rostos alegres e risonhos que esperavam ansiosamente a chegada. Mas a caminheta continua imperturbável o seu caminho... De repente, surgem ao longe caras curiosas que espreitam como a tentar descobrir quem se aproxima; eram rostos juvenis, mas desconhecidos. Em breve, porém, alguém no-los apresenta como colegas de Lamego, Vila Real e Guimarães. Entre tôdas estabelece-se imediatamente alegre convívio. Conversámos um pouco, e arrumada tôda a bagagem, fomos para a praia.

Fiquei bastante admirada — é uma praia pacata, mas esplêndida, onde, lá ao longe, sobressaem os moinhos com suas grandes velas... velas na terra, velas no mar... E os meus olhos voltam-se agora para o oceano imenso, êsse oceano sempre tão belo e tão temível, sepulcro de heróis e marinheiros... Sinto alguém que perburba o meu silêncio: é uma senhora de meiga aparência que diz: «São horas, vamo-nos embora». Era a hora de jantar. Terminada a refeição, fomos para o quintal, onde me distrai bastante com jogos e brincadeiras, que só terminaram quando a nossa Instrutora nos mandou reünir. Seguiu-se o arrear da Bandeira, cerimónia sempre impressionante, que era presenceada com vivo interêsse pelo povo cá da aldeia, que sempre nos dispensou a sua simpatia. Depois... silêncio, oração da noite e deitar.

No dia seguinte acordei com uma linda manhã; espreitei pela janela — via ao longe o verde pinheiral e aos meus ouvidos chegava o rumor das vagas. Já me sentia mais alegre e bem disposta. Em seguida, arrumados os nossos quartos, fomos para a mesa; tôdas comíamos com ótimo apetite. E sempre assim, com saúde e alegria, decorreram os nossos dias da Colónia, em que pude admirar a simpatia das minhas novas colegas e a bondade e carinho das nossas Dirigentes.

No penúltimo domingo, por ocasião da inauguração da nova Igreja Matriz, realizaram-se na aldeia grandes festas em que a Mocidade colaborou também com entusiasmo. Na véspera Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz dignou-se ministrar o Crisma a um elevado número de fiéis. As filiadas da Mocidade que ainda não tinham sido crismadas, aproveitaram a ocasião e foi com grande alegria que receberam êsse Santo Sacramento.

No domingo tôdas as raparigas da Mocidade andaram empenhadas na venda de postais a favor da nova Igreja. Acedíamos assim a um pedido de Rev.º Sr. Prior, que com tanta bondade se dispusera a vir conversar connosco algumas vezes para nos orientar nos caminhos seguros da moral cristã. A' tarde houve grandes festivais — procissão, na qual desfilou também a Mocidade, músicas, foguetes, barracas, e à noite, um grande arraial.

Para despedida foi organizado um pic-nic à vila próxima de Espozende. Foi grande o nosso entusiasmo. Passámos a manhã no pinhal, onde almoçámos; à tarde visitámos a praia de Espozende onde demos um esplêndido passeio de barco. De regresso, já ao entardecer, apesar de um pouco fatigadas a nossa alegria não esmoreceu, sempre cantando e rindo pela estrada fora.

Segunda feira! Um dia de grande lufa! Temos à noite a nossa receitazinha de despedida. Muitos receios, alguns aborrecimentos, mas finalmente, a boa vontade e entusiasmo de tôdas conseguem vencer, e os nossos números foram todos francamente aplaudidos pela inúmera assistência.

Nos intervalos foi sorteado um brinde a favor da nova Igreja. As rifas passaram-se prontamente e sem dificuldade. Mais uma vez os apulienses nos testemunharam as suas simpatias.

Hoje partiram de manhã cedo, as nossas colegas de Vila Real e Lamego. Houve abraços, lágrimas, e, com grande tristeza, nós que ficávamos ainda algumas horas, as vimos desaparecer no tôpo da estrada. A' tarde soou a nossa hora de partida... Com saúdade nos despedimos das nossas queridas Dirigentes que foram para nós, durante os 20 dias da Colónia, umas verdadeiras mães.

Maria das Dôres da Silva
Chefe de Castelo — Ala 2 — Centro 4

FALEMOS COMO AMIGAS

LAURA é uma linda rapariga, mas... é pedante.

Sim, Laura é pedante. Armou em literata e discute com ar superior êste e aquêle escritor. Mas não fica por aqui: Laura discute política com frases difíceis, e fala dos problemas sociais com ar entendido.

Laura pretende ser uma cerebral e veste-se de maneira «feminista». Resultado: — Massa tôda a gente.

A instrução, Laura, serve para abrir o espírito, cultivá-lo e alargá-lo, mas, quando o deforma, é sabedoria errada.

Uma mulher tem que se manter sempre feminina para estar em harmonia dentro da criação, e quando o cérebro lhe toma o lugar de coração é porque está bastante degenerada. Instrução e ciência não querem dizer inteligência.

O saber adquire-se mas a inteligência é que se impõe.

A cultura do espírito dá brilho e realça uma mulher, mas a imposição da ciência massa tôda a gente.

Aliás, as sábias são geralmente apagadas e humildes, porque, quanto mais adiantam em saber, melhor compreendem quanto lhes resta a aprender.

Vamos, Laura, deixa-te de tolices!... Pedante e sábia quem te suporta? Um pouco de simplicidade, de graça, de feminilidade, de modéstia e de naturalidade, com o físico que Deus te deu Laura, ui! que linda mulher!...

Zulmira é encantadora, mas... convece-se que está sempre apaixonada. Leva a dardejar olhares fulminantes ao homem por quem se julga irremediàvelmente subjugada. E' uma tortura a vida de Zulmira! Como não esconde por parvoíce, tôdas se riem dela. Êstes romances passam-se só na sua imaginação, é claro, mas sonha com tanta realidade que se convence de que é correspondida e anuncia a tôda a gente que breve será pedida em casamento. Os rapazes temem-na porque quando está apaixonada convida-os, conversa e agrega-se a êles de tal maneira que não podem sacudi-la sem indelicadeza. Ela lá vai, sugestionada pela imaginação, atrás do seu romance...

Coitada! E ninguém te dizer que uma mulher tem que se dominar e não se mostrar tão abertamente e tão estùpidamente apaixonada!... No fundo, Zulmira, nunca gostaste senão em imaginação, e o que tu amas é o amor em si. Estás apaixonada pelo amor, e quando um rapaz é mais amável logo dizes: Será êste o Príncipe Perfeito? O pior é o ridículo, que a desilusão não chega a ser desagradável; na tua imaginação és a vítima incompreendida e pondo ponto final nesta história de amor, acertas as baterias para outra paixão.

Pois bem, Zulmira, nunca deu resultado atrelar o carro adiante dos bois. Os homens nasceram para lutar e vencer. As dificuldades interessam-nos e prendem-nos. Eis por que os desinteressas; ficam parvos com tanta estúpida facilidade. Nem têm que conquistar, já está feito automàticamente.

Se não aprenderes a dominar-te, e a viver a realidade, serás dentro de alguns anos uma velha apaixonada, riso de tôda a gente.

Maria Benedita

Retrato de D. Sebastião de Cristóvão de Morais, Museu das Janelas Verdes

A música ao longo da nossa história
CANÇÃO TRISTE

«hindo (Alcacer-Kibir, pelo mar Domingos Madeira, músico de el-rei, cantando e tangendo em uma viola, começou de cantar um romance:

Ayer fuiste rey de España
hoy no tienes un castillo...

Tanto foi isto tomado em mau agouro, que logo Manuel Coresma lhe disse deixasse aquela cantiga triste e cantasse outra mais alegre.»

«Crónica de D. Sebastião»
frei Bernardo da Cruz

• • •

Um grande clamor se levantou em tôda a nau:
— Por nossas mãos vamos tomar a morte que nos levará ao Inferno!
— O Inferno começa aqui, que bem o mostram êstes trovões.
— Valei-nos, Senhora da Nazareth!
— Voltemos para Portugal.
— Sim, voltemos para Portugal!
— Para Portugal! Para Portugal!

Mas o capitão apareceu ao alto bradando:
— Calai-vos, rapazes. Temos que ir até terras africanas pois assim o quere El-Rei Dom Sebastião, nosso Senhor. Temos que ir para a frente como homens que cumprem o seu dever, e não como crianças que têm mêdo. Olhai: a lua desponta agora anunciando uma noite calma.

Efectivamente, a lua aparecia no azul profundo do céu.

E, essa luz serena do luar, espalhando-se sôbre o mar, parecia a benção que Deus enviava sôbre aquêles homens que iam guerrear os infiéis.

Aproveitando a calmaria, El-Rei Dom Sebastião avançava vagarosamente para gozar um pouco o ar puro da noite. Seguia-o sua comitiva, onde vinha tudo o que o reino de Portugal possuia de mais opulento e fidalgo.

Pensativo Dom Sebastião deu alguns passos. Depois, voltando-se, perguntou:
— Vieram violas?
— Sim, meu Senhor.
— Chamai os melhores tocadores e cantores, para dar alegria a estes homens!

Todos o rodearam, como em seus reais aposentos.

E, começando os menestreis a tanger os instrumentos, aconteceu que o célebre Domingos Madeira, elevando a voz, principiou êste romance em espanhol:

Ayer fuiste rey de España,
Hoy no tienes un castillo...

Entreolharam-se os môços fidalgos, ouvindo o canto de Domingos Madeira que soava como negro agoiro.

Aflitivamente Manuel Coresma pediu-lhe:
— Deixai essa cantiga triste, que parece presságio funesto e cantai outra mais alegre!

Acedendo ao desejo de Manuel Coresma cantou então Domingos Madeira várias melodias, qual delas a mais viva e alegre, mas todos os jovens fidalgos não pensavam senão naquela canção triste:

Ayer fuiste rey de España,
Hoy no tienes un castillo...

Que as ondas do mar, tristemente repetiam:

Ayer fuiste rey de España,
Hoy no tienes un castillo...

Uma núvem toldou a lua.

E a escuridão tornou-se mais funda.

Sôbre o mar, foi caindo uma bruma muito fina, encobrindo a nau que levava para longes terras o *«Desejado»*, aquêle que para todo o sempre é esperado em Portugal — numa manhã de nevoeiro.

Maria Antonieta de Lima Cruz

Reprodução do fragmento do Presépio da Misericórdia de Abrantes em que se vê o Anjo tocando a viola (a guitarra de Alcácer, como é conhecida)

NOTÍCIAS DA M.P.F.

O senhor Arcebispo de Évora falando com alguns dos Dirigentes da M. P. F.. II — Uma das mesas do almôço

Festa de confraternização do encerramento do Curso de Dirigentes» dos Centros Primários em Évora. I —

1.º — Em substituïção da Senhora D. Luísa Vaz Osório, foi nomeada Directora do Centro N.º 6 em Vila Real, a Senhora D. Maria Henriqueta Alves Boal;

2.º — Em substituïção da Senhora D. Octávia Moreira foi nomeada Directora do Centro N.º 8 em Vila Real, a Senhora D. Maria da Luz Saraiva;

3.º — Em substituïção da Senhora D. Sofia Nóbrega, foi nomeada Directora do Centro N.º 11, em Vila Real, a Senhora D. Ana Vaz;

4.º — Em substituïção da Senhora D. Laurinda Gomes, foi nomeada Directora do Centro N.º 12, em Vila Real, a Senhora D. Palmira Jorge;

5.º — Em substituïcão da Senhora D. Germana Ribeiro, foi nomeada Directora do Centro N.º 13, em Vila Real, a Senhora D. Ana Amélia Bárria Maio;

6.º — Em substituïção da Senhora D. Maria dos Prazeres Cabral foi nomeada Directora do Centro N.º 15, em Vila Real, a Senhora D. Lídia de Carvalho Minhava;

7.º — Em substituïção da Senhora D. Maria Teresa Ferreira, foi nomeada Directora do Centro N.º 16, em Vila Real, a Senhora D. Palmira Peixoto Ribeiro;

8.º — Por falta de saúde pediu a demissão do cargo que exercia, Sub-Delegada Regional em Lagos, a Senhora D. Maria José Barata Formozinho.

9.º — A seu pedido, foi demitida do lugar que exercia, Delegada Provincial Adjunta na Beira Baixa, a Senhora D. Júlia Frade;

— Tôda a correspondência para a Delegacia da Beira Baixa deve ser dirigida para a Senhora D. Amélia Eugénia Duque Vieira — Castelo Branco;

10.º — O Colégio onde está instalada a séde do Centro N.º 4 de Évora mudou de nome; deixou de ser o Colégio Luso-Inglês e passou a ser de Nossa Senhora doCarmo;

11.º — Já não se encontra ao serviço a Senhora D. Maria Luísa Namorado, Sub-Delegada Regional de Portalegre;

12.º — A Directora do Centro N.º 4, em Arraiolos, Senhora D. Maria Amélia Ratão, já não se encontra ao serviço;

13.º — Em substituïção da Senhora D. Maria Cândida da Silva foi nomeada Directora do Centro N.º 4 em Lamego, a Senhora D. Alzira Sanches;

14.º — Em substituïção da Senhora D. Julieta Carvalho, foi nomeada Directora do Centro N.º 11, em Coimbra, a Senhora D. Maria Celestina Correia de Sequeira.

15.º — Foi fundado um Centro da Mocidade Portuguesa Feminina na Escola Primária Oficial de Alcabideche e nomeada Directora dêste mesmo Centro, que terá o N.º 7 na Ala 1 da Estremadura, a Senhora D. Cesaltina Mendes Bastos Fialho;

16.º — Deixaram de prestar serviços como Dirigentes da Organização as Senhoras D. Emília de Jesus Franco e D. Fernanda Bettencourt, Directoras Adjuntas do Centro N.º 24 em Lisboa.

17.º — A Ex.ma Sub-Delegada Regional de Vila Real pede a rectificação do nome da Senhora D. Fernanda David Costa, sua Adjunta, para Fernanda da Silva Nogueira da Costa;

18.º — Em substituïção da Senhora D. Albertina Chaves, foi nomeada Directora do Centro N.º 7, em Vila Real, a Senhora D. Dalila Barreira;

19.º — Foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta, em Lamego, a Senhora D. Maria Alice Claro.

20.º — A seu pedido, foram demitidas dos seus cargos, as Senhoras D. Emília Maria Gonçalves e D. Isabel Ramos Piteira, respectivamente Sub-Delegada Adjunta em Alcácer do Sal e Directora do Centro N.º 2 em Alvito.

21.º — Por falta de saúde pediram a demissão do seu cargo, Sub-Delegadas Adjuntas de Beja, as Senhoras D. Maria das Piedras Albas Peres Martins e D. Maria Adelaide Coelho de Brito;

22.º — Por já não residir naquela localidade, pediu a demissão do seu cargo, Sub-Delegada Regional de Barrancos, a Senhora D. Maria das Dôres Vasquez Garcia;

23.º — Não estão já a prestar serviço na Organização como Sub-Delegadas Adjuntas em Lamêgo, as Senhoras D. Aurora Osório, D. Estela Ferraz Gouveia, D. Branca Rocha de Lemos e D. Luciana Cardoso.

24.º — Em substituïção da Senhora D. Maria Silvina Alves Pereira Bessa, foi nomeada Directora do Centro N.º 36, no Pôrto, a Senhora D. Clorinda de Carvalho Matos;

25.º — Foi nomeada Directora Adjunta do Centro N.º 8 na Póvoa de Varzim, a Senhora D. Cândida Augusta Cardoso;

26.º — Em substituïção da Senhora D. Maria Leonor Almeida Magalhães, foi nomeada Directora do Centro N.º 10 na Póvoa de Varzim, a Senhora D. Maria dos Anjos Mendes Guimarães.

27.º — Foi nomeada Instrutora de Trabalhos Manuais do Curso de Dirigentes dos Centros Primários no Pôrto, a Senhora D. Guilhermina de Jesus Friaças.

28.º — Foi nomeada Directora do Estágio das alunas do Curso de Dirigentes dos Centros Primários no Centro N.º 36, no Pôrto, a Senhora D. Clorinda de Carvalho Matos e não a Senhora D. Maria Silvina Alves Pereira Bessa que, por lapso, da respectiva Delegacia, para êsse cargo tinha sido nomeada.

29.º — Foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta na Guarda a Senhora D. Maria de Lourdes Rodrigues Duarte.

30.º — Foi fundado um Centro da Mocidade Portuguesa Feminina na Escola do Bomfim na Guarda e nomeada Directora dêste Centro, que terá o N.º 6, na Ala 2 da Província da Beira Alta, a Senhora D. Maria Pires Vaz.

31.º — Por se ausentar para Coimbra deixou o seu lugar de Sub-Delegada Adjunta em Bragança a Senhora D. Laura Elias Ferreira

32.º — Deixou o lugar de Directora do Centro n.º 1 em Lamêgo, a Senhora D. Palmira Augusta do Couto, por motivo de transferência.

33.º — Também por motivo de tranferência as Senhoras D. Palmira Lavinas e D. Margarida Vieira deixaram de ser Directoras Adjuntas do Centro 11 em Vila Real, e a senhora D. Rosa de Sousa Directora Adjunta do Centro n.º 13 na mesma Sub-Delegacia.

34.º — Não se encontra já ao serviço a Senhora D. Maria Filomena Ferreira, Sub-Delegada Regional Adjunta da Mocidade Portuguesa Feminina, em Vila Real.

Subsídios concedidos às Sub-Delegacias da Província do Alto-Alentejo

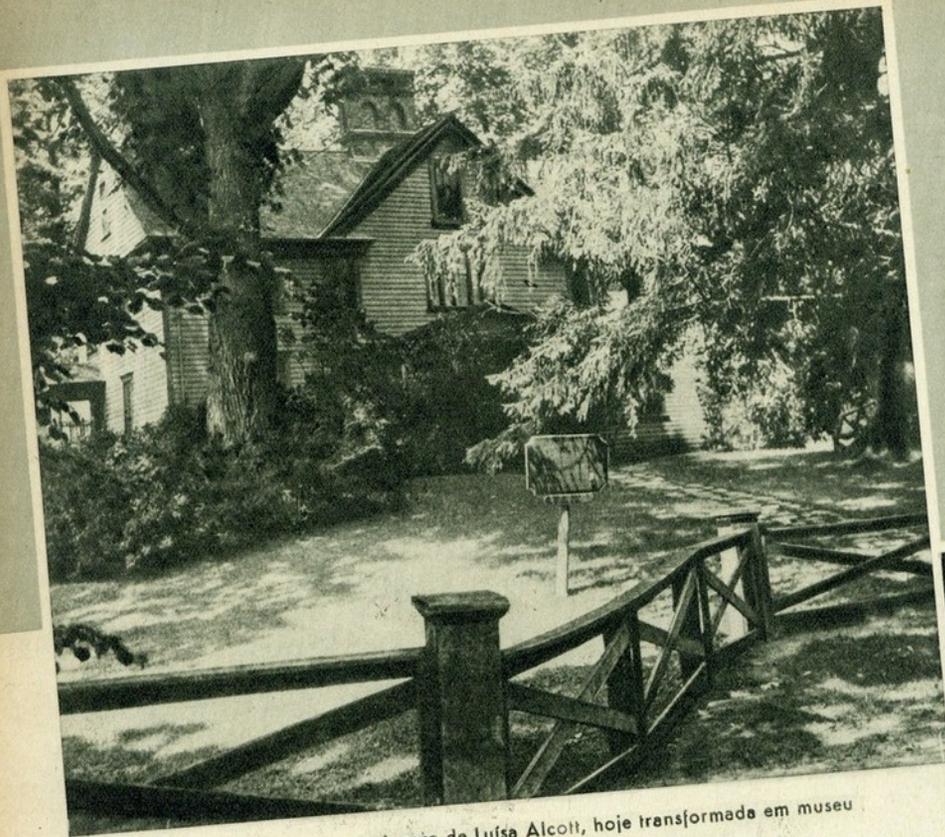
ÉVORA — Pela Câmara Municipal — 1.000$00 — mil escudos.

PORTALEGRE — Pela Câmara Municipal — 250$00 — duzentos e cincoenta escudos; pela Junta de Freguesia de S. Lourenço — 200$00 — duzentos escudos; pela Junta de Freguesia da Sé — 100$00 — cem escudos.

Nomeações de Dirigentes

PORTO

D. Alda Moreno, Centro 98, Esc. Pr. n.º 22 de *Pala — Madalena*. D. Ana Joaquina Branco Mourão, Centro 99, Esc. Pr. n.º 2 da *Boavista da Estrada — Arcozêlo*. D. Olinda de Jesus Proença, Centro 100, Esc. Pr. n.º 63 de *Arcozêlo*. D. Maria Amélia Ribeiro, Centro 101, Esc. Pr. n.º 67 da *Aguda*. D. Maria Adelina Gonçalves da Costa, Centro 102, Esc. Pr. da *Aldeia Nova — Avintes*. D. Judite Castro, Centro 103, Esc. Pr. n.º 4 de *Cabanões — Avintes*. D. Dália Gomes dos Santos, Centro 104, Esc. Pr. n.º 6 de *Magarão — Avintes*. D. Maria Virgínia da Silva Pereira, Centro 105, Esc. Pr. n.º 38 e Posto da Gestosa — *Igreja — Sandim*. D. Almerinda Teixeira, Centro 106, Esc. Pr. n.º 39 da *Afurada — Santa Marinha*. D. Rita Lopes Ribeiro, Centro 107, Esc. Pr. n.º 40 do *Candal — Santa Marinha*. D. Beatriz Silva Carvalho Azevedo, Centro 108, Esc. Pr. n.º 42 de *Ferreira Macedo — Santa Marinha*. D. Aurora Alves de Figueiredo, Centro 109, Esc. Pr. n.º 24 de *Lavadores — Olival*. D. Ilda Júlia Meireles, Centro 110, Esc. Pr. n.º 26 do *Outeiro — Oliveira do Douro*. D. Silvina Martins Magalhães, Centro 111, Esc. Pr. n.º 66 de *Formigosa — Oliveira do Douro*. D. Maria Branca Monteiro de Almeida, Centro 112, Esc. Pr. n.º 27 de *Albeira — Pedroso*. D. Maria Antónia Ferreira da Silva, Centro 113, Esc. Pr. n.º 28, dos *Carvalhos — Pedroso*. D. Maria de La Sallete Baptista, Centro 114, Esc. Pr. n.º 29 de *Figueiredo — Pedroso*. D. Teresa Júlia Soares Pereira Horta, Centro 115, Esc. Pr. n.º 30 de *Mexedinho — Pedroso*. D. Albertina Lopes Ferreira da Silva, Centro 116, Esc. Pr. n.º 32 de *Pisão — Pedroso*. D. Maria Amélia Moreno, Centro 117, Esc. Pr. n.º 50 da *Bandeira* e Esc. Pr. Nicolau de Almeida — *Mafamude*. D. Branca dos P. Vieira de Melo, Centro 118, Esc. Pr. de *Laborim — Mafamude*. D. Angelina Cândida Cabral, Centro 119, Esc. Pr. n.º 18, de *Arnelas — Olival*. D. Adozinda de Carvalho Matos, Centro 120, Esc. Pr. n.º 44 de *Coimbrões — St.ª Marinha*. D. Madalena Assunção Cantiga, Centro 121, Esc. Pr. n.º 45 das *Devezas — St.ª Marinha*. D. Maria Augusta de Sousa Ferreira, Centro 122, Esc. Pr. n.º 47 de *St.ª Marinha* — Gaia. D. Olívia Peixoto de Vasconcelos, Centro 123, Esc. Pr. n.º 64 do *Marco — St.ª Marinha*. D. M.ª Adélia Gormicho Boavida, Centro 124, Esc.Pr. n.º 52 de *Vendas — Seixezêlo*. D. Ana Maria Fontes, Centro 125, Esc. Pr. n.º 53 de *Asprela — Sermonde*. D. Zulmira Pereira Seixas, Centro 126, Esc. Pr. de *Serzêdo — Curvadelo*. D. Júlia Arminda Rêgo Barbosa, Centro 127, Esc. Pr. n.º 55 de *Figueira Chã — Serzêdo*. D. Piedade Capêlo Cardoso, Centro 128, Esc. Pr. n.º 57 de *Campolinho — Valadares*. D. Lucinda da Conceição Gomes, Centro 129, Esc. Pr. n.º 59 de *Vilar de Andorinha*. D. Adriana Olímpia Monteiro, Centro 130, Esc. Pr. n.º 70 de *Mariz — Vilar de Andorinha*. D. Maria Arminda Lopes Guedes Moreira, Centro 131, Esc. Pr. da Mata — *Vilar de Andorinha*. D. Irene Alice Sequeira, Centro 132, Esc. Pr. da Serpente — *Vilar de Andorinha*. D. Elisa Correia Marques, Centro 133, Esc. Pr. n.º 61 do Lugar do Monte — *Vilar do Paraízo*. D. Palmira Soares, Centro 134.Esc. Pr. n.º 34 de Loureiro — *Perozinho*. D. M.ª José de Oliveira Coelho, Centro 135, Esc. Pr. n.º 36 do Lugar do Monte e Posto de Lug. de Espinho — *S. Félix da Marinha*. D. Márcia Caldeira Martins, Centro 136, Esc. Pr. n.º 62 de Brito — *S. Félix da Marinha*. D. Elisa Benedita da C. Sequeira, Centro 137, Esc. Pr. da S.ª do Monte — *Pedroso*. D. Leonor Brito e Silva, Centro 138, Esc. Pr. n.º 8 de Canelas — *Gaia*. D. Natália Salgado, Centro 139, Esc. Pr. do Larmoiral — *Gaia*. D. Cacilda Emília Flores, Centro 140, Esc. Pr. do Sardão — *Gaia*. D. Josefina da Silva Costa, Centro 141, Esc. Part. do Inst. do Bom Pastor — *Gaia*. D. Eulália de Lourdes A. Felício, Centro 142, Esc. das Florinhas do Lar — *Pôrto*. D. Dulce Matilde Moreira da Silva, Centro 143, Esc. Pr. de Cordeios — *Grijó*. D. Adelina de Jesus Lopes, Centro 144, Esc. Oficial n.º 82 — *Preventório Infantil*. D. Sofia Rodrigues da Costa, Centro 145, Esc. Pr. de Sá — *Sandim*. D. Clementina Ivone S. de Oliveira Mendes, Centro 146, Esc. Pr. da Serra do Pilar — *Gaia*.

Exames de graduadas

A casa de Luísa Alcott, hoje transformada em museu

LUIZA M. ALCOTT nasceu no dia 20 de Novembro de 1832, em Germantown, perto de Filadélfia, nos Estados Unidos da América. Era a segunda filha de um casal encantador. Seu pai é lembrado como fazendo parte de um grupo de filósofos, que se tornou célebre. Entre êles ocupava lugar de destaque o tão conhecido Emerson, que teve uma grande influência na educação intelectual e moral de Luiza. O seu feitio impetuoso e vivo sofreu várias vezes ao ter que se sujeitar aos rígidos moldes do «domínio próprio» que seu pai e o grupo a que pertencia preconizavam.

Sua mãe tão boa, ajuizada e inteligente ajudava-a sempre nos seus problemas morais (assim como às outras filhas) com uma doçura e paciência que deixou a sua memória envolta, para a sua descendência, numa auréola de amor e Santidade. Luiza foi sempre considerada entre essa irmandade de 4 raparigas «o rapaz» da família. Não só pelo seu feitio independente, e às vezes brusco, mas pela fôrça moral que nunca fraquejou, com que amparou a família nos períodos de pobreza, desgostos ou doença.

Dedicou-se ao ensino e às letras, mas os seus livros só se tornaram conhecidos quando começou a descrever a sua própria vida e a sua tão querida família.

Vê-se passsar diante de nós aquelas existências que, sem egoísmos nem falsos orgulhos, se amparavam uns aos outros, dando cada qual aquilo de que podia dispor, uns fortuna e posição social, outros ternura, conselhos e cuidados, e outros ainda a sua alegria e entusiasmo.

Luiza Alcott gostava tanto de gente nova, sobretudo de rapazinhos, que só os seus não lhe bastavam. Deu atenção e cuidados a tantos outros, que na sua região era tida como uma mãe de todos os jovens. Sofreu muito, mas também teve muitas alegrias pois contava como suas tôdas as que tinham os seus queridos rapazes. A sua casa era um «centro» que ficou tão célebre, que foi agora considerada monumento nacional.

Da alegria e emoção dos seus livros ressalta uma lição «de que só da dedicação e trabalho empreendidos para o bem comum nos pode vir uma felicidade durável e verdadeira». Essa felicidade simples e calma que as pessoas honestas e boas possuem o que é a única que dura.

Mas não julguem que são pesados os seus livros, por dêles tirarmos esta conclusão!

Não! São tão vivos e naturais que os personagens saltam (por assim dizer) das páginas para fora e vêm viver na nossa imaginação e fazer parte da nossa existência.

Qual é a rapariga que saiba inglês (já não falo só das inglesas e americanas) que não conheça a história da família March (de facto, Alcott) através dos quatro livros «Little Womeen», «Good Wifes», «Little wen» e «Jo's boys», que não tenha tentado imitar as representações e festas familiares organizadas pela Jo (Luiza Alcott)?!

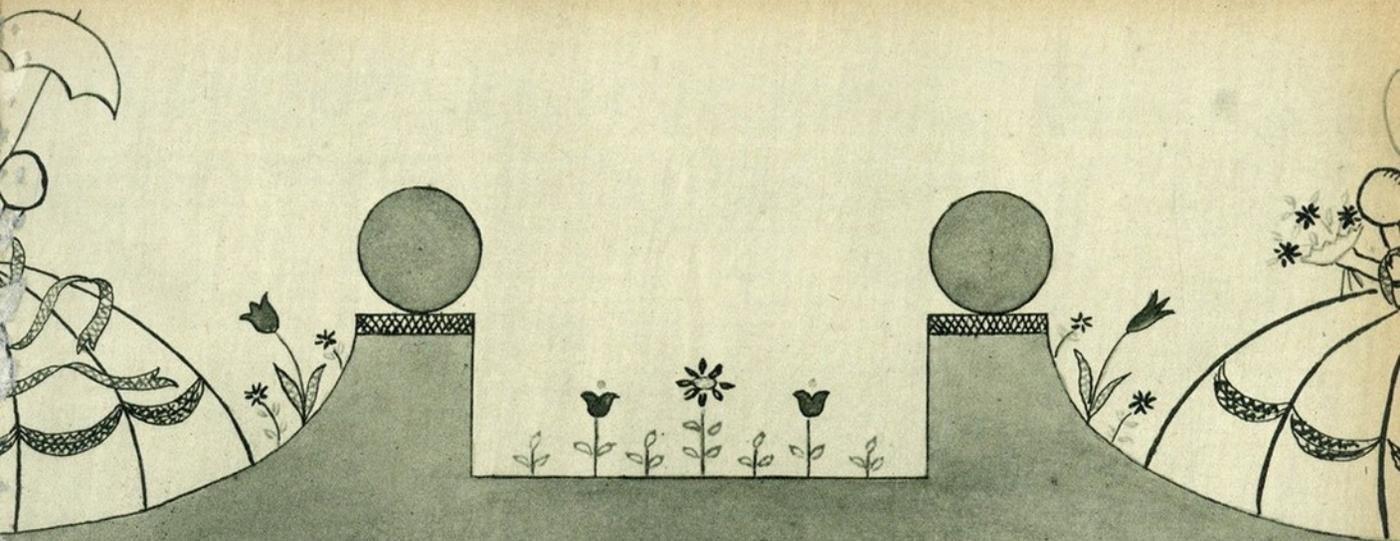
Mas êsse prazer é também dado a todas as raparigas portuguesas através das adaptações feitas pela nossa querida Maria Paula de Azevedo (1) e mais recentemente ainda, por uma tradução (que confesso ainda não li). E há anos tivemos ensejo de ver posto em «filme» os dois primeiros livros dessa encantadora série. Os realizadores esmeraram-se nêle. Procuraram imenso tempo uma actriz que pudesse personificar uma Jo *verdadeira*. Cheia de vida, entusiasta e agradável sem ser bonita. Encontraram Catherine Hepburn que soube dar todo o seu talento ao papel que lhe foi confiado. E com isso se tornou célebre...

O mais estranho nesta vida de Luiza Alcott e nos seus livros é que não envelheceram. Os seus problemas são os nossos e as soluções que propõe ainda as boas.

É que, como tôdas as obras primas da literatura, descrevem os sentimentos que são eternos e não as futilidades da moda da ocasião, que passam e que não deixam senão cinzas.

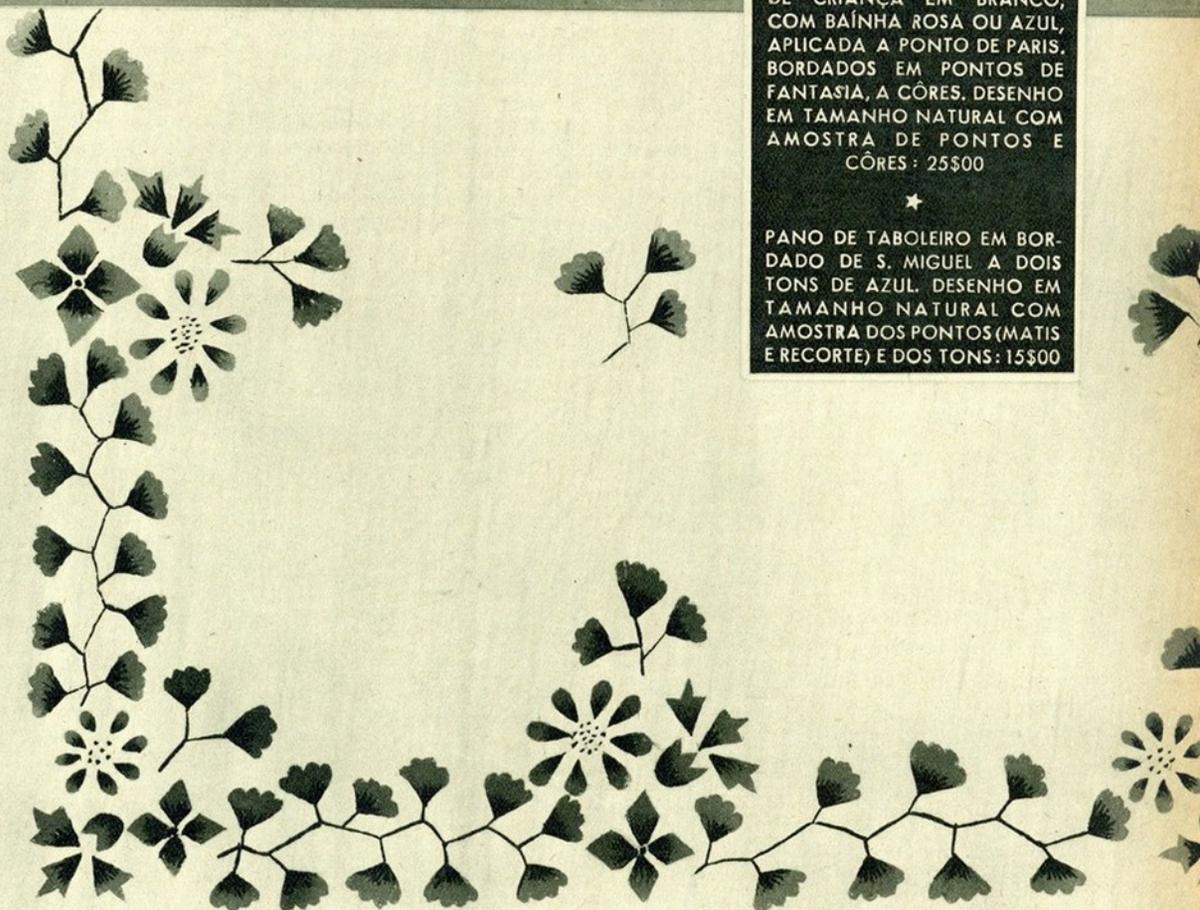
FRANCISCA DE ASSIS

---

(1) — "Quatro raparigas", "Alguns anos depois", "No Colégio da Ameixoeira", "Os rapazes de Maria João".

TRABALHOS DE MÃOS

DOBRA DE LENÇOL PARA CAMA DE CRIANÇA EM BRANCO, COM BAÍNHA ROSA OU AZUL, APLICADA A PONTO DE PARIS. BORDADOS EM PONTOS DE FANTASIA, A CÔRES. DESENHO EM TAMANHO NATURAL COM AMOSTRA DE PONTOS E CÔRES: 25$00

*

PANO DE TABOLEIRO EM BORDADO DE S. MIGUEL A DOIS TONS DE AZUL. DESENHO EM TAMANHO NATURAL COM AMOSTRA DOS PONTOS (MATIS E RECORTE) E DOS TONS: 15$00

EM DEFESA DA NOSSA LINGUAGEM

LINGUAGEM dos meios elegantes, sobretudo femininos, equivale a dizer linguagem avariada, mesclada, amálgama de fracesismos, janotismos e seu calão à mistura. E'-se ridículo, falando em português simples e chão. Começa-se nos nomes de tecidos e só se ouve *crêpe de chine, crêpe satin, crêpe lingerie, georgette, marocain, peau d'ange, mousse, crépon, voil, toile, armure, surah, glacé, taffetas, chiffon, peluche, cheviotte, cretonne, percal* — uma longa teoria de nomes pretensiosos e arrebicados, que ninguém de boa-vontade se deu ao cuidado de aportuguesar.

Entra-se no capítulo das côres e é uma gama completa de tons que não nos dignamos nomear no nosso português corrente porque seria tirar-lhes o «chic». E temos então o *grenat*, o *brique*, o *bordeaux*, o *lie de vin*, o *tête de nègre*, o *taupe*, o *puce*, o *gris*, o *perle*, e outros.

Passamos às peças do vestuário e lá topamos com o *soutien*, os *cullottes*, a *chemisette*, a *liseuse*, o *tailleur*, o *robe*, os *soquettes* e o *cache-col*.

Se passarmos ao capítulo das jóias, lá encontraremos o *sautoir*, o *broche*, o *pendantif*, os *berloques* e a *chatelaine*.

E dizer que deixámos perder a gargantilha, o firmal, o medalhão, o travessão, o grilhão, o afogador, a cadeia e ainda outros, de nomes tão saborosos como aquilo que é genuíno da nossa terra!

No capítulo dos penteados a *«mise»* está já de pedra e cal, e, na caiação do rosto, quem ousaria destronar hoje o *crème*, o *rouge* e o *bâton*?

Onde estarão os nossos responsáveis que não olham para tanta riqueza que se some na voragem!

Se isto já não vai sem posturas ou decretos, venham êles sem tardar, que dêem de vez um piparote nestes enxertos de bravio do estranjeiro.

Já se gosta de ver surgir pelas esquinas e fachadas da cidade nova as taboletas reclamando em Português, a alta costura, as modas e os chapéus; já pelos restaurantes e casas de pasto, os acepipes e mais comedorias não fazem engulhos, nomeados à francesa; e é consolador verificar como bastou o bom-senso de um vereador para se começar a arrepiar caminho e a esboçar-se uma reacção benéfica.

Mas continue-se a enumeração, simples apontamento por alto, do muito que por aí vai.

Nos trabalhos ou lavores femininos, que horrores santo Deus!

E' o *crochet*, o *tricot*, o *filet*, o *picot*, o *àjour*, as *brides*, o *perlé*, o *matelassé*, etc.

No adôrno e arranjo do lar, lá aparecem o *abat-jour*, o *cache-pot*, o *bouquet*, a *gerbe*, a *corbeille*, o *couvre-pieds*, o *édredon*, as *briser*, as *carpettes*, os *rideaux*!

Ora tenhamos juízo, que já somos de idade para isso.

Que uma nação daquelas que os tratados de paz fazem surgir às vezes das mesas das conferências, sem tradições nem história, subalternas ou satélites dos grandes estados, caiam nestes desmandos, admite-se. Hesitam, submetem-se a influências estranhas. Mas que nós, descobridores do Mundo e fundadores de impérios, nos deixemos eivar dêsses vícios, não ergamos alto o estandarte da nossa independência linguística, nos abastardemos a ponto de termos vergonha dêste rico instrumento de cultura que é a língua portuguesa, francamente, é loucura, ou vezânia.

Falada hoje por 60 milhões de cidadãos portugueses, brasileiros e mais núcleos populacionais doutros estados americanos, ela a quem os mesmos americanos, ingleses e outros povos, estão a incluir nos programas dos seus estudos secundários ou superiores, e, com uma clara visão das realidades futuras, lhe reconhecem a importância e valor, mal se compreende que seja assim menosprezada pelos que mais haviam de querer-lhe.

De quem é a culpa?

De todos nós, um pouco.

Remédios?

Por exemplo: Lança-se um artefacto no mercado, criação nossa ou produto de importação? Procure-se batizá-lo com um nome bem português. Ponha-se nisso empenho e honra.

Os nossos industriais não são puristas ou gramáticos? Consultem-se os entendido. E porque não um pouco de fantasia?

E para tanta tradução mascavada, que por aí corre impressa a envenenar o gôsto, uma censura um bocadinho rigorosa, que puxasse as orelhas a tanto plumitivo, não fazia mal nenhum.

Ora aí está uma questão que poderia tomar a peito, movimento geral que interessasse as multidões de cá e de lá do Atlântico, através dos órgãos da imprensa que já possui, e mesmo da nossa Emissora, o Secretariado Geral de Informação e Cultura Popular.

E a M. P. F.?

A ela cabe o melhor papel.

Rapariga da Mocidade, se és filha de um industrial ou de um lojista, começa por prègar a cruzada no seio da tua própria família e dá tu mesmo o exemplo.

Procura o termo esquecido, aquêle que usaram as tuas avós, o que usam as camponesas da tua quinta, ou da aldeia, onde vais passar as férias.

Interroga, pesquiza, ressurge e terás sido bem portuguesa.

E. V.

OÁSIS

EXISTEM no mundo várias regiões que o frio sucessivo ou falta de chuvas tornam inhabitáveis. Estas vastas planícies incultas e áridas chamam-se *desertos*.

O maior e mais conhecido de todos os desertos é o *Sahará*, que apanha as regiões da Líbia, Egito, Arábia, Pérsia, Turquestão e Mongólia.

Mas no próprio deserto a vida triunfa, em pequeninos ou grandes oásis.

Diz uma lenda que no deserto se ouve como que um gemido: é o deserto que chora porque queria ser um prado...

Oásis Foto: CARLOS RODRIGUES DE OLIVEIRA

A TELA MARAVILHOSA

GOSTAS de ir ao cinema. É natural. Se até as antigas lanternas mágicas, que tu já não conheceste, nos encantavam! Que fará o cinema, que na tela maravilhosa fala e vive!

Nenhum espectáculo tem o poder impressionante do cinema. Porisso a sua influência é enorme, tanto para o bem como para o mal. Torna-se pois necessário saber distinguir o que é bem e o que é mal.

Em questões de cinema, há quem confunda o bem com a arte e a beleza. E chamam um bom filme a um péssimo filme, só porque é interessante e bem desempenhado.

Nenhum prazer nem nenhuma manifestação de arte são perfeitos — e nem sequer aceitáveis — quando são contrários à moral.

Os divertimentos e a arte, para serem bons, devem ter uma finalidade elevada, isto é, contribuírem para o aperfeiçoamento da nossa personalidade moral.

Se vamos perder ao cinema a pureza da nossa alma, poderemos dizer que é um bom filme aquêle que nos rouba a graça de Deus?!

Se trazemos do cinema desejos e sentimentos desorientados, poderemos dizer que é um bom filme aquêle que nos desencaminha?!

Ora, os maus filmes estão sujeitos — como as más leituras e outros divertimentos perigosos — às leis da moral cristã, que proíbem tudo o que possa prejudicar a nossa alma.

Não está na nossa mão impedir que haja mau cinema, pois não somos directores de indústrias cinematográficas e nem sequer cooperadores na realização dos filmes.

Mas alguma coisa poderemos. Informarmo-nos antes de ir ao cinema, e, não assistirmos nunca a um filme que sabemos que é imoral (*). É um propósito a que nenhuma rapariga cristã deve faltar.

E se formos apanhadas de surpreza por cenas inconvenientes, porque não havemos de ter fôrça de vontade para não ver, fechando os olhos para perservar a nossa alma?

Na sala, às escuras, ninguém se aperceberá da nossa atitude de defesa, fica poupado até o nosso respeito humano. (Que, de resto, não deve existir quando se impõem atitudes morais).

As filiadas da M. P. F. devem assinalar-se na cruzada contra o mau cinema, abstendo-se de freqüentar maus filmes e aquêles que pelo seu enrêdo, idéias, cenas e linguagem induzem ao mal, exaltam as paixões, dão uma idéia falsa da vida e são contrários aos eternos princípios da doutrina e moral cristãs; ou que, pelo modo como os artistas os desempenham, ofendem o pudor.

E devem apoiar e fazer propaganda de todos os bons filmes, em que a virtude e a arte se combinam para instruír e educar.

Seria exagêro e até loucura condenar o cinema de um modo absoluto; longe de nós tal idéia!

O que é condenável — repetimos — é o mau cinema; e é também censurável o abuso do cinema.

Os divertimentos têm na vida uma função de descanso, de distracção, de variante agradável e útil. Não podemos absorver nêles parte importante da nossa vida, com prejuízo dos nossos deveres.

E não temos também o direito de causar dano à saúde.

A gente nova carece de largas horas de sono reparador, que não podem ser sacrificadas em constantes noitadas no cinema.

Os pulmões precisam de ar puro e o corpo de movimento; faz pena ver perder no ambiente viciado de um cinema as tardes de domingo, como por uso e costume algumas raparigas fazem.

Um bom passeio, quanto mais vale para a saúde e a alegria!

Não te acontece saíres do cinema fisicamente mal disposta e moralmente abatida?

Mais triste e descontente de vida do que para lá entraste?

E quem sabe? Talvez com a imaginação e os sentidos perturbados...

Não idealizes a tua vida sôbre o que vês no cinema.

A vida verdadeira não é a fantasmagoria da tela maravilhosa.

É o caminho que, à saída do cinema, pisas no regresso a casa... o caminho que te leva à escola ou ao trabalho... ao dever de cada dia...

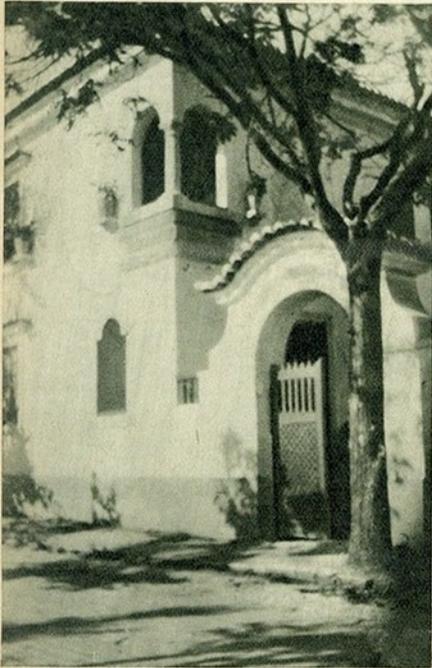
E não procures também imitar as «estrêlas» do cinema, nem te apaixones pelos seus «actores».

É perigoso e é... ridículo!

Maria Joana Mendes Leal

Lanterna mágica. Quadro de Matias Robinson

(*) As «Novidades» e a «Renascença» publicam críticas aos filmes que poderão orientar-nos com confiança.

PARA LER AO SERÃO

GENTE NOVA

VI

Quando o carro das Paes parou em frente da Crèche, ainda mal tinham tido tempo para observar a acolhedora casa branca, de género bem português, em cuja parede caiada um S. Pedro de azulejo segurava as chaves celestes, uma alegre algazarra infantil acolheu os visitantes. Manuel saltara ràpidamente do carro e tocara a sineta com fôrça; enquanto muitas mãos pequeninas (e talvez não imaculadas...) se esforçavam, pelo lado de dentro, por abrir o grande portão verde, empurrando o fecho que o segurava.

— Visitas! Visitas! — gritavam vozes esganiçadas.

Abriu-se, enfim, o portão; e no pátio cheio de sol surgiram dezenas de criancinhas vestidas de branco, com sandálias brancas também e as cabeças higiènicamente rapadas.

— São garotos ou garotas? —preguntou Manuel, acariciando os melões lavadinhos.

Uma empregada, de bata branca e véu de organdi na cabeça, apareceu à porta da casa, sorridente e simpática.

— Desculpe esta invasão — disse Cecília avançando para ela — Mas disseram-me que se podia ver a Crèche...

A empregada respondeu logo:

— Sempre, minha senhora, de sol a sol!

As crianças rodeiavam Maria do Céu, admirando os seus caracóis, fazendo uma roda de inspecção em volta dela. E Maria do Céu sorria, contente.

— Se as senhoras quiserem subir aquela escada de pedra, começamos por ver a secção dos bébés — disse a empregada; e todos se encaminharam para o andar de cima enquanto as crianças, no pátio, fechavam uma enorme roda em volta de Maria do Céu e cantavam, num côro forte e afinado, apontando com os dedos para a pequenina:

> Olha a menina, ai don solidon
> Como vem bonita!
> Mão na cabeça, ai don solidon
> Não lhe caia a fita!

E eram palmas a acompanhar o canto, gestos apropriados aos versos, e risos em frescas gargalhadas que chegavam a comover as raparigas. Mas essa emoção passageira nada foi ao pé da que sentiram quando chegaram ao largo recreio dos bébes. Ali, como em tôda a Crèche, tudo era branco também: desde a ama sêca, com a sua bata, o seu véu, o seu calçado branco, até aos pequeninos de 1 a 3 anos, de macaquinhos brancos e cabecinhas rapadas. Risonhos, todos, correram para elas, com os passinhos cambaleantes ainda... E logo as raparigas lhes pegaram maternalmente, beijando e acarinhando as carinhas limpas e bochechudas.

— Isto é adorável — exclamou Francisca Tereza.

— Vem ver o dormitório! — gritou a Chucha, que entrara no quarto soalheiro onde os berços, aliás de simples vêrga pintada de branco, cobertos de tulle, tinham rosetas azuis e côr de rosa: conforme o sexo do bébé. Uma grande imagem de Jesus, com os Seus braços largamente abertos, presidia a esta sala.

— Que alegria por tôda a parte! — exclamou Domingas, com um pequenino em cada braço; enquanto Cecília, junto de uma das muitas janelas emolduradas por roseiras floridas, pelas quais, a jôrros, entrava o sol, observava as danças alegres do pátio e dizia:

— Vejam vocês a Maria do Céu no meio da roda a rir quanto pode!

— Que obra encantadora... — murmurou Francisca Tereza, pensativa — Que ideal deve ser poder realizá-la — acrescentou, de si para si.

Foram então à pequena capela; e como a empregada chamasse o rancho todo para vir cantar um hino a Nossa Senhora, viram vir a pequenada, numa corrida turbulenta, escada acima. Chegados à capelinha, porém, fez-se um silêncio respeitoso; e, agrupando-se junto do harmónio ao qual se sentou a empregada, cantaram o velho e simples canto português que já tantas gerações têm entoado em louvor da Virgem:

> Virgem pura
> Tua ternura
> E' d'alivio
> Ao meu penar
> Noite e dia
> De Maria
> A beleza vou cantar.

— Se V. Ex.as querem ouvir um Coral de Bach, êles não o cantam mal — disse, baixinho, a empregada — Temos um destinado à visita de Sua Eminência.

— Um Coral de Bach! — exclamou Domingas, segredando.

— Como é isso possível?! — preguntou Francisca Tereza.

— Bach cantado por saloìnhos, isto é estupendo! — murmurou Manuel, interessado.

— Lá que deve ter piada, deve — concluiu a Chucha.

A empregada começara uns acôrdos graves e lentos. E os pequenos, atentos e com os olhos nela, cantaram, em afinação perfeita, as frases harmoniosas do grande Mestre, nas quais se enquadravam palavras compreensíveis para as suas idades.

> Veio até nós, cheio de amor,
> Ver seu rebanho, o Bom Pastor!
> E vamos, ternos meninos,
> Qual p'ra Jesus os pequeninos.

Cecília e Francisca Tereza, comovidas, tinham os olhos cheios de lágrimas...

E depois de saírem da capela e do rancho miúdo voltar a correr para as brincadeiras do pátio, Cecília preguntou:

— Mas como pode conseguir-se tanto de crianças tão pequenas? Quem as ensaia? Como as ensaiam?

A empregada sorriu.

por Maria Paula de Azevedo

(Desenhos de Guida Ottolini)

CHÁ DA COSTURA

— É fácil, minha senhora; e o principal é que as crianças adoram cantar. Vejam-nas ali no pátio: ninguém as obriga!

Agora, com Manuel e a Chucha no meio dêles, as crianças tinham recomeçado cantigas e danças; pareciam não querer acabar! E, de repente, vindas do outro lado da casa, apareceu um outro rancho vestido de branco também, pequenas entre 8 e 12 anos, a juntar-se, com risos alegres, à pequenada da Créche.

— Aquelas de onde vêm? — preguntou Francisca Tereza, à janela do recreio dos bébés, preparando-se, com Domingas e Cecília, para visitar as outras instalações da Créche.

— São as pequenas da Casa de Trabalho anexa: entraram na Créche com um ano e aos oito passaram para a Casa de de S. Pedro, onde aprendem a coser e remendar.

— Mas esta Obra é utilíssima, é completa! — exclamou Cecília com entusiasmo.

— Que esquisito que ninguém a conheça, ninguém fale nela, ninguém, mesmo, se importe com ela — disse Francisca Tereza — Porque será?

— Os donos não gostam de fazer vista, nem de ser falados, minha senhora — respondeu, gravemente a empregada — Fizeram a obra pelo bem das criancinhas, para as fazer boas cristãs, salvar-lhes os corpitos e as almas...

— Quanto tudo isto deve custar... — murmurou Cecília, observando a casa, os móveis brancos, as roupas, a ordem e o asseio, o porte do pessoal...

— Oh meninas! — gritou Manuel, do pátio — Peçam a essa senhora para deixar-nos ir pela quinta acima com a malta tôda, sim?

Gritos alegres e palmas sublinharam o pedido de Manuel. A empregada, com o seu bom sorriso, disse:

— Antes da hora da merenda, se V. Ex.as quiserem dar um passeio na mata de cedros, podem os pequenos ir também.

Foi uma alegria! E no meio do enorme rancho, cobertos os «melões» com grandes chapéus de palha, seguiram todos pela horta verdejante, até à encosta coberta de cedros centenários.

As crianças corriam adiante, espalhando-se pela quinta como uma chuva de flores brancas... E quando, já de volta do passeio, Cecília deu o sinal da partida para Lisboa, alinharam-se tôdas fora do portão, numa fila interminável de bibes brancos, e cantaram à partida do carro:

Quando vai p'ra longe de nós nosso bem,
Adeus!
Ao vê-lo partir nós dizemos também:
Adeus!
Não se esqueçam de nós, da nossa amizade
Ficamos sòzinhos com a saüdade
Adeus! Adeus! Adeus!
E' triste ir p'ra longe dos seus!

Já o carro se afastara e ainda se ouviam as vozes infantis cantando, afinadas, o melodioso Adeus...

— A mim comoveu-me esta visita — disse Francisca Tereza, pensativa.

— Eu não sou para piéguices — disse a Chucha — mas aquêles miúdos tinham pilhas.

— Como obra social é admirável — disse Domingas — Nesta Créche é que era bom um estágio, Tété.

— Fartam-se de falar em mil obrasinhas de quiquiriqui, das fulanas, das ciceranas, das beltranas; desta que é colossal, nunca ninguém deu pio!!! — concluiu Manuel, sinceramente.

(Continua)

— Para lhes dizer a verdade, queridas, sinto-me hoje tristonha, contra os meus hábitos de constante optimismo — declarou Clara, pegando na grande tesoura com a qual talhava as roupinhas.

— Alguma razão forte terás para te justificar — respondeu Maria José.

— Sim e não... — murmurou Clara, de si para si.

— Outra coisa que não parece tua — gritou Joana.

— Pois tu, que detestas hesitações, estás a falar sòzinha e a dizer *sim* e *não*?!!

Clara riu e tornou:

— Não façam caso; chegou a minha vez de ter telha.

— Nada disso, menina Clara — tornou Joana, tirando-lhe a tesoura da frente dela.

— Ponha para aí todos os seus pensamentos, tôdas as suas idéias, e veremos que até dessas hesitações sai coisa útil para nós!

Clara, meio a sério, meio a rir, disse então:

— Pois bem, talvez faças bem em insistir, Jana. Eu tive férias como vocês tôdas. Estive no campo, estive na serra, estive na praia...

— Que sorte bestial! — gritou Joana.

— Não digas essa palavra feia, Jana; é tempo de nos habituarmos tôdas a esquecer essas... *bestialidades* ordinárias.

Mas vamos ao meu caso.

Nessas terras onde estive esforcei-me, creiam vocês, por aproveitar, e fazer aproveitar aos outros, êsse tempo de...

— Pandega! — exclamou a impetuosa Joana.

— ...repouso — continuou.

— Mas no fim dêsses dois meses fiquei mais desconsolada, ainda, do que antes!

— Porquê?! — preguntaram.

— No campo constatei a selvajeria em que o povo vai vivendo, coitadinho! e os donos de quintas e solares em redor, que tanto podiam interessar-se pela miséria de tôda a ordem... limitam-se, quási sempre, a dar esmolas.

E' preciso dar um pouco *da alma* com elas...

Na serra, onde comuniquei com os rudes pastores, vivendo por vezes a sós com a natureza, impressionou-me de uma maneira que nunca mais esqueço a pobreza absoluta, franciscana, até, em que vivem essas pobres criaturas... Não dormem bastante, não comem o que precisam, não se abafam como devem...

E ninguém os ampara, lembrando-se, ao menos, das Obras de Misericórdia...

— Oh Clara, estás tétrica! — exclamou Joana.

— E ainda não acabei. Na praia foi, talvez, o pior de tudo.

— Já vejo onde vais chegar — disse Alice.

— Já vês porque passaste o verão numa praia: e é quási o mesmo em tôda a parte — continuou Clara.

— A maioria das raparigas (e algumas pertencem a organismos católicos, isto é, com responsabilidade moral), levando os dias numa escandalosa indolência, pouco vestidas, e indiferentes a tudo o que não seja...

— Flirt! — exclamou Joana.

— Dança! — disse Rita.

— Banho! — acrescentou Alice.

— Sport! — tornou Joana.

— Chic! — declarou Maria José.

— Chás! — juntou Berta.

— Acertaram vocês tôdas — concluiu Clara — E das férias, o que trouxeram essas meninas, o que fizeram de útil? Nada; nem sequer melhoraram a saúde, com os banhos exagerados de sol e mar, as noitadas, as canseiras, os namôros...

— Lá nisso tens tu razão de sobra... — observou Rita.

Estou a pensar na Pi, coitada, que trouxe a pele do pescoço em mísero estado — disse Maria José.

— E então a pobre Micas, vocês não sabem? — tornou Rita — Estafou-se tanto, com as noitadas até de manhã, que teve de ir para o Caramulo!!

— Não há direito! — exclamou Joana.

— Pois sim, pois sim — disse Clara — vocês agora, que as férias estão passadas, dizem que «não há direito»; mas se em pleno verão alguém lhes pede para modificarem o seu modo de vida não gostam e...

— Refilam! — gritou Joana.

— O pior não é o refilar, como tu dizes; é o teimar e prejudicarem gravemente, creiam vocês, a saúde do corpo e a saúde do espírito... — tornou Clara, a sério.

— Tudo isso é verdade, Clara, mas férias são férias, e o que há de melhor nos meses de verão é uma pessoa fazer mil coisas que não faz no inverno e regalar-se de liberdades várias e inúmeras! — exclamou Joana.

— Não julgues, Joana, que o prazer dessas liberdades é tão grande como isso... Nem tudo o «que luz é oiro», sabem vocês? E algumas dessas raparigas vêm das férias cheias de desilusões... — tornou Clara.

— Nem trazem consigo uma boa dose de alegria, às vezes — concluiu.

— Talvez exageres, Clara: aqui estou eu, sã como um pêro, queimada como uma moura, alegre como um melro e... quási noiva... de um az!!! — exclamou, radiante, Alice.

Tôdas a abraçaram e rodeiaram, e quiseram saber quem era o *Az*.

— E o que fizeste de bom e útil *para o próximo*? — preguntou Clara, risonha.

Alice, quási grave, respondeu:

— Mais do que tu julgas, Clara: ensinei três garôtos a lêr e a rezar, levando-os à Comunhão particular.

Tirei da rua uma petiza que vivia a mendigar, e metia-a numa Casa de Trabalho.

Forneci vários livros bons a uns operários da estrada, que os apreciaram ao máximo!

E... não fiz mais nada — concluiu Alice.

— Fôste estupenda, simplesmente! — declarou Joana; e tôdas concordaram com ela.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Uma boneca

REMEXENDO, há dias, por mero acaso, na grande caixa onde repousam, sob a poeira leve do esquecimento, sonhos queridos da minha infância, encontrei a um canto, velha, quási desfeita, uma boneca.

Quem diria que, outrora, fôra ela o meu sonho mais querido!

Olhei-a, enternecida. Da linda boneca que ela fôra, nada restava, nem mesmo as grandes rosetas de côr morna e suave que tanto encanto lhe davam...

Há anos, essa mesma boneca que eu agora encontrava desprovida de encantos, era vista por uns olhitos desejosos de criança que vivia uma vida de sonhos côr de rosa, de risos cristalinos e de descuidada e pura felicidade.

Quantos sonhos, quantas recordações queridas, ligadas ao pequenino brinquedo!...

Eu era ainda um nadinha de gente, lembro bem, quando um dia senti acordar em mim o desejo fremente de possuir uma boneca, boneca que eu vira na montra de um bazar. Desde êsse dia, sempre que minha mãe saía, eu pedia-lhe que me levasse a ver a querida boneca.

Ela acedia, muito meiga, e eu corria, louca de alegria, em direcção ao bazar. Uma vez lá, contemplava a linda boneca envolta no vestidinho muito leve de um azul suave, de cabelos muito loiros que caindo em longas tranças faziam realçar a côr dos olhitos, duas contas muito vivas, e a boquita nacarada.

Ficava assim longo tempo a olhá-la, encantada, até que minha mãezinha me acordava do sonho feliz para regressarmos a casa. Afastava-me triste, pesarosa, olhando sempre para trás até já não poder vê-la. Assim já minha mãe dobrava a esquina, ao cimo da rua, e ainda eu lançava, lá de longe, um olhar ao cobiçado brinquedo.

Os dias passavam, sucediam-se as noites em que eu sonhava que era minha a boneca linda.

Mas um dia, um sonho muito triste me assustou: sonhei que fôra vendida e que alguém bem mais feliz do que eu a apertava nos braços.

Quantas conjecturas e receios se cruzavam no meu cérebro!

Não consegui descansar enquanto não fui vê-la. Pedi a minha mãe, e saí.

Sentia na alma um receio, uma ansiedade que torturavam, forçando-me a tornar mais ligeiros os meus passos miúdos, de criança.

Julguei jàmais ter fim o caminho nêsse dia, e, quando finalmente lá cheguei, e vi que fôra apenas um sonho, que ela continuava lá, cada vez mais linda, julguei chorar de alegria.

Mas, um dia, sucedeu o inevitável. A linda boneca fôra comprada. Jàmais podia vê-la! Mas, com a dúvida que procede sempre uma grande felicidade ou tristeza sentida, veio um raiozinho de esperança que me acarinhou. Entrei e muito pequenina, chegando a custo ao enorme balcão, preguntei se a boneca fôra vendida. Quando saí tinha perdido a última esperança. Qualquer coisa de muito triste ensombrou o meu pequenino ser. Corri para casa num passinho débil.

Quando cheguei, foi com duas grandes lágrimas a bailar-me nos olhos que contei a minha mãe o sucedido. Ouviu-me em silêncio, envolvendo-me num suave olhar muito meigo, aconchegou-se carinhosamente, limpou carinhosamente, limpou as lágrimas teimosas que me saltavam dos olhos, e disse serenamente:

— Vai brincar, minha filha.

Confesso que fiquei triste, e nada consolada. Era a primeira vez que a minha mãe me não compreendia. Não teria ela adivinhado que a dôr era profunda, o que significava para mim a perda da boneca?

Oh! Como estava triste!

Iria chorar sòzinha, no aconchêgo quente do meu quarto, a querida boneca!

Corri para o quartinho côr de rosa, abri a porta, e, passando distraída pelo leito, os olhos cansados de chorar, pude ver através das lágrimas que me bailavam nos olhos, a linda boneca, tal como sempre a vira.

Corri para ela... Poderia tocar-lhe, abraçá-la, sem ter a impedir-me o vidro de bazar! Como fui feliz nêsses momentos! Quis correr a abraçar minha mãe e patentear nêsse abraço tôda a grande felicidade, e incomensurável gratidão. Mas, quando me voltei, já ela, no limiar da porta, me estendia os braços numa longa carícia. Beijei-a muitas vezes... Não sei como lhe agradeci... mas ela compreendeu bem quanto eu era feliz, e isso bastava como recompensa ao seu dedicado coração. Nêsse dia senti brotar do meu pequenino coração deliciosos instintos maternais. Inúmeras vezes vesti e despi, penteei, acarinhei a minha boneca!

À noite, adormeci cansada por tantas emoções, cansada mas feliz!

E, quem nessa noite entrasse no meu quarto, poderia ver-me, entre a brancura fôfa dos lençois, apertando nos bracitos a boneca, e tendo a brincar-me nos lábios um sorriso feliz.

Maria das Dôres Carrington
(Lusa)
Centro n.º 1 Ala 2 - Divisão Minho

Manhãzinha cedo — Foto: MIGUEL FERREIRA

Mocidade

No vasto céu sem fim, altíssimo, intangível
Acastelam-se já as núvens da tormenta.
Percorre o jardim nu um frémito terrível
Que adensa entre o arvoredo a penumbra cinzenta.

A natureza treme ao látego terrível.
Principia caindo a bátega violenta.
Rasga o céu tenebroso, imenso, inatingível,
O clarão das faíscas. Já um trovão rebenta.

E eu estou só. Dentro em mim não estremece uma fibra.
A minha alma palpita e o meu coração vibra
Como se houvesse sol e doce claridade.

Não me entristece a voz tremenda da porcela,
Que eu tenho dentro de mim a mais fulgente estrêla
O clarão cintilante, a luz da mocidade!

Maria Esther Guerme Garcia de Lemos

Filiada n.º 11860 — Vanguardista — Centro n.º 5 — Ala
Divisão da Estremadura